

5 Conclusão final

O estudo sobre a unidade do corpus profético do Livro dos Doze Profetas Menores, tratado no primeiro capítulo, apresenta-se como um tema atual e muito discutido nas teses de Doutorado e debates entre os estudiosos. Alguns autores focaram a sua atenção no processo redacional desses escritos elaborando as suas diferentes fases até a forma final, através de vários editores, que reconstruíram as escrituras, criando novas estruturas, relações temáticas e verbais. Esses estudiosos não excluem a atenção aos livros individuais ou mesmo às mensagens individuais dos profetas, no entanto, apresentam por meio de uma leitura diacrônica, uma visão geral de todo o conjunto profético. Em suas observações, apontam a formação complexa do processo do livro dos Doze, que pensam estender-se por um vasto período e por diferentes indivíduos. Outros analisam os documentos proféticos pelo viés da compilação literária, considerando que os materiais pré-existentes, quase prontos, foram reorganizados na coleção, com o objetivo de uni-los num só volume, através de afinidades literárias, temáticas e estruturais.

A diferença de pensamento entre os autores apontados neste estudo retrata a dificuldade em concluir se estes pequenos escritos proféticos foram ou não considerados um único livro, ou se foram colocados juntos por uma razão prática para não se perderem. Pode-se afirmar que não há informação segura que indique a unidade dos Doze Profetas Menores.

Embora muitas questões permaneçam ainda sem respostas, algumas afirmações, tais como aquelas dos manuscritos antigos, certificam que estes livros devem ser considerados como um único livro. Aceitando tal possibilidade, não estaríamos perdendo os aspectos individuais e históricos que eles apresentam? Os próprios comentários exegéticos tratam a autoria, conteúdo e teologia de cada livro isolado. Nossa proposta então é que estes pequenos escritos não podem ser compreendidos como um todo coerente - como sugere a maioria dos estudiosos - cada um dos livros é portador de significado como uma obra única.

Estes livros individuais estão claramente marcados por seus próprios títulos – como ocorre com o Livro de Miquéias. As subscrições indicam que cada um deles é apresentado como uma unidade coerente com seu próprio estilo e conteúdo e particularidades históricas. Outros livros ainda apresentam elementos biográficos e datas precisas que complementam a pregação profética (cf. Ag 2,1-9). Enfim são livros distintos com comunicação literária própria.

Observa-se que a seqüência canônica dos livros, nas versões apresentadas, não é resultado de um trabalho cronológico, seja no TM, na LXX ou no fragmento 4QXII^a (conferir tabela 2). A diversidade dos arranjos dos Doze Profetas sugere que eles formam uma coleção de livros individuais, de arranjos variados, em lugar de um único trabalho de forma definitiva. As evidências textuais podem prover exemplos concretos dos meios pelos quais os antigos redatores expandiram ou alteraram os textos fontes.

O fato de que é possível identificar o trabalho de diferentes escribas nos livros proféticos confirma a evidência de que o(s) redator(es) não eram meros copista(s), mas homens responsáveis pela interpretação das Escrituras, editando, ampliando e estruturando os textos, trazendo seu significado para o seu tempo. É consenso geral que os escritos proféticos foram retocados ou complementados, e que tais procedimentos possuem um horizonte que ultrapassa o próprio livro. Essas alterações intencionais realizadas pelo(s) antigo(s) redator(es) têm um grande significado para a evolução da história literária do Livro dos Doze Profetas e para a compreensão da sua relação ao processo canônico.

Essas adaptações, que transformaram a coleção dos escritos proféticos, alcançaram o objetivo na mediação da palavra de Deus, no contexto histórico. Sendo assim, cumpriram a função original dos profetas: os livros trazem palavras de Deus para o povo de Deus.

Fica claro em nosso estudo que a posição de Miquéias entre Abdias e Naum indica uma intervenção maior que, aparentemente, é percebida. O livro de Miquéias ocupa uma posição importante na estrutura do conjunto profético. O estudo da seqüência dos livros aponta para uma relação estreita com os livros de Jonas e Joel. Com este, pela afinidade com a proclamação de ameaça feita pelas nações a Jerusalém; e com o primeiro, a ligação não seria pelas aproximações históricas, mas pelo tema de Nínive, também presente em Naum, livro que segue o de Miquéias. Se por um lado a cidade é salva (cf. Jn 3,10), por outro ela é

condenada à ruína (cf. Na 1,2). O claro contraste entre a perspectiva do livro de Jonas e o livro de Naum é, então, equilibrado pela presença do livro de Miquéias. Este aponta a possibilidade de salvação para os povos, se eles se converterem. O livro de Miquéias torna-se então o paradigma para o futuro ou a destruição dos povos. A questão levantada se haveria uma intenção de ligar Jonas e Naum com Miquéias pode ser respondida pela análise feita no terceiro capítulo deste estudo.

É possível sugerir que houve um crescimento literário intencional da tradição profética. A idéia é que a natureza oral dos textos foi submetida a várias camadas colocadas sobre o texto original. Assim os textos não foram simplesmente copiados, estudados e transmitidos, mas também reformulados numa relação dinâmica de interdependência⁶⁸⁰. No último estágio dessa formação, interveio a figura de Jonas para equilibrar o julgamento inexorável de Naum contra Nínive e significar no coração dos Doze que o Deus, que compartilha a mensagem,, é Aquele de Ex 34,6 – “Deus é misericordioso e lento na cólera”

Estes estudos oferecem oportunidade para os leitores identificarem os Pequenos Profetas e compreenderem os temas teológicos subjacentes nos livros com seus aspectos históricos.

No segundo capítulo da tese apresentamos o livro de Miquéias, com atenção especial ao seu texto final. Mq 7,8-20 é uma passagem de esperança na restauração de Sião. Provavelmente, foram pronunciadas por outro que não o profeta Miquéias.

A análise semântica nos permite entender que o texto relata uma significativa promessa para um futuro. Sião prepara-se para este “novo dia” que desponta. Nesse sentido, podemos entender que YHWH terá novamente compaixão com seu povo. Em virtude de seu amor eliminará totalmente o pecado, que destrói seu plano de salvação. Só assim o pecador pode reatar a sua relação com Ele, que manifesta o seu amor, carregando a sua culpa. Sião confia não apenas que YHWH lhe fará justiça perante seus inimigos, mas que seus pecados não serão mais lembrados, pois Deus os removerá para sempre. O fato de YHWH

⁶⁸⁰ Há um consenso entre os críticos de que os textos demonstram um processo de contínua realização e atualização iniciando com a tradição oral e terminando na forma escrita. Isso torna evidente que os escritos interpretam um papel criativo na formação dos textos proféticos. Cf. STECK, O. H. *The Prophetic Books and Their Theological*. Witness: St Louis Chalice Press, 2000. p. 56.

carregar os pecados de Israel, esquecer os seus atos injustos, não indica uma atitude de indiferença ao pecado, mas o desejo de esquecê-lo.

Sião aceita o castigo, como conseqüência de seu pecado, mesmo no meio do seu isolamento, tem a confiança de que Deus julgará a sua causa e retomará o cuidado de pastor que lhe falta. Sião se identifica com o “resto de sua herança”. Com a restauração de Jerusalém as promessas serão realizadas. Em todas estas passagens YHWH nos guia como o Pastor de Israel, e todos os povos estarão incluídos na peregrinação a Sião. Deus Pastor conduz, sustenta, guarda, por isso, os que estão em sua companhia que poderão dizer: Eu não temo mal algum, pois YHWH está comigo!

Em nossa análise, apresentamos um paralelo de Mq 7,18-20 com Ex 15,1-5, comparando a eliminação do pecado pelo perdão divino com a libertação no Êxodo do poder dos egípcios – os inimigos de Israel, o exército do faraó, e o pecado do povo são “atirados nas profundezas do mar”. Assim, podemos considerar o pecado como um inimigo que Deus subjuga e destrói. Essa relação sugere que a raiz de toda a desgraça é a distorção da relação pessoal com Deus, que foi estabelecida no Êxodo. Mq 6,4-5 já retratara o evento do Êxodo. Só que, nesta seção final, a tradição do Êxodo está unida com a tradição Patriarcal. Deus cumprirá as promessas feitas aos antepassados de Israel.

A partir da fidelidade de Deus a seu juramento, demonstrado na saída do Egito, Israel deve “conhecer” que Deus é confiável, que guarda a sua aliança e sua fidelidade (Mq 7, 19). A inimiga vê a situação de Sião ser invertida (Mq 7,10.16) e se cobre de vergonha por toda a sua arrogância. Ela que antes ironizava: onde está YHWH teu Deus? Agora será humilhada, pisoteada como lama na rua.

No terceiro capítulo foram analisadas as possíveis relações intertextuais entre o texto de Mq 7,8-20 e os textos de Naum (1,2-8; 3,15-17.18-19), Abdias, Jonas (4,2-10) e Joel (4,18-21). Conclui-se que há possíveis contatos entre os textos.

O interesse deste estudo ultrapassou aqueles já realizados e apresentados, pois os textos foram abordados não apenas nas suas relações literárias, mas também nos elementos de união existentes sob a luz da estrutura teológica subjacente neles. É certo que os mesmos foram organizados e adaptados com uma motivação particular: comunicar uma mensagem teológica direcionada para aquele tempo através da combinação dos materiais existentes. Isso justifica a

necessidade de avaliar os textos sob este prisma. Se, anteriormente, esses textos foram analisados somente a partir do estudo destas palavras-chave, o atual estudo se abre na perspectiva de novos horizontes.

Após a análise dos textos, certifica-se que Mq 7,8-20 está interligado a Naum e Abdias literaria, histórica e teologicamente. Em relação ao livro de Jonas, os pontos de contato analisados indicam que os textos estudados deste livro junto a Mq 7,8-20 não possuem indício que possa revelar qualquer relação intertextual. A simples presença de palavras-chave isoladas ou expressões não é critério confiável para uma avaliação positiva.

O livro de Joel apresenta muitos elementos semelhantes entre Mq 7,8-20 e Jl 4,18-21, mas é duvidoso concluir com segurança a relação entre os textos, já que este é, de fato, construído como um conjunto de citações de outros textos bíblicos; seria preciso estudar todos os textos proféticos relacionados a ele. Dessa maneira, as relações encontradas não alcançam o parâmetro de seletividade.

As observações dos termos e expressões semelhantes e, às vezes, únicas, entre Mq 7,8-20 e Na 1,2-8.3,18-19 e Abdias, sugerem que o(s) redator(es) tiveram a intenção de aproximar estes livros. O fato de que Abdias e Naum, que são livros posteriores, posicionarem-se ao lado do livro de Miquéias, que é anterior, já pode indicar aí um movimento intencional. Essa avaliação do livro de Abdias faz pensar que tal obra coloca-se antes de Miquéias, e Naum após. Essa deve ter sido a ordem final da coleção profética.

Quase todas as citações analisadas de Naum (1,2-8.3,18-19) são do mesmo estilo do livro de Miquéias e situam-se no texto com o mesmo objetivo: reforçar a crença de que YHWH jamais desapontará aquele que deposita a confiança Nele. Os indícios literários encontrados na análise intertextual do semi-acróstico de Naum com Mq 7,8-20 são suficientemente ricos para afirmar a intertextualidade entre eles. Mas o ponto decisivo de contato entre estes profetas fixa-se em Mq 7,14 e Na 3,18. Hipótese levantada neste estudo e confirmada através dos critérios escolhidos para a análise intertextual. Na 3,18 apresenta um personagem novo: o rei assírio. O juízo anunciado pelo profeta tem uma direção definida, este personagem real, que ocupa o lugar de pastor, apesar de não exercer esta atividade. Os verbos רעה e שכן situados juntos nos textos de Mq 7,14 e Na 3,18, são citações únicas na BH e apresentam também correspondências cruzadas, formando igualmente uma inclusão incomum.

	Miquéias	Naum
רעה	יָרַעוּ qal yiqtol masculino	רָעִידָה participípio masculino
שָׁכַן	שָׁכְנִי participípio masculino	יִשְׁכְּנוּ qal yiqtol masculino

Na coleção dos Doze Profetas, não há exemplo desses dois verbos aparecerem unidos, assim como no modo em que se apresentam intertextualmente. Enquanto Na 3,18 narra a dispersão do povo sobre o monte, não tendo pastor que o guie, Mq 7,14 apresenta um pedido de Sião para que YHWH o pastoreie novamente, pois ele (o povo) se encontra sem pastor. Tal proximidade literária e temática não se pode tratar de uma coincidência.

O ponto central desses livros assim como o de Abdias é a função de Deus como aquele que restaura e conduz o povo de volta a terra. O povo é levado a Jerusalém – este é o centro de atenção e convergência dos livros. Além da relação temática e teológica entre Naum e Miquéias, este estudo verificou outra ligação singular entre Abdias 3 e o texto de Mq 7,14. O texto de Abdias apresenta no v. 3, o verbo שָׁכַן, no participípio qal, como em Mq 7,14 e esta forma verbal encontra somente nestes dois textos e em Jl 4,17.21, que também foi objeto de estudo. Entretanto o texto de Abdias relaciona-se com o texto de Miquéias em sentido inverso, pois há um contraste entre os escritos: Mq 7,14 mostra Israel habitando sozinho desprotegido, aguardando confiante a direção de YHWH; já Abdias retrata a arrogância de Edom, que habita nas fendas dos rochedos supondo-se imune a qualquer perigo.

A inversão verificada entre Mq 7,14 e Na 3,18 situa-se nos verbos morar e pastorear. O contexto é o mesmo; já em Abdias, a inversão não se localiza nos verbos, pois estes se encontram na mesma ação verbal, mas no contexto, que marca a posição contrária entre Israel e Edom. Os israelitas farão de Deus o seu apoio, e Edom apóia-se na sua força e localização.

Miquéias	Abdias
שָׁכַן 7,14 שָׁכְנִי לְבָרֵךְ יַעַר	Ab 1,3 שָׁכְנִי בְּחַגְוֵי-סֹלֶעַ

Observa-se que os textos de Naum, Abdias possuem em comum com Mq 7,8-10 o tema da relação de YHWH com as nações inimigas de Israel. Há uma ênfase no julgamento divino contra as nações – os profetas informam à audiência interessada o que o Senhor fará no futuro para as partes específicas. Os textos de Naum e Abdias clareiam Mq 7,13 – a terra que se tornará desolação num futuro

escatológico será a das nações inimigas. Nínive e Edom são apontadas como o grupo específico da ira divina. Naum anuncia a destruição e ruína de Nínive e a descreve (cf. Na 1,9-11; 2,1-12; 3,14.8-9). Nínive será exterminada e o seu jugo sobre Sião será quebrado. Judá poderá celebrar a sua festa, sem interferência externa. Edom encontra-se na mesma situação enfocada por Mq 7,10 – a inimiga se cobrirá de vergonha. Também neste caso, não encontramos nos outros livros dos Profetas Menores o uso do verbo כָּסָה + בִּישָׁה só se encontra em Ab 1,10 e Mq 7,10 e ambos retratam a humilhação dos poderosos.

Esses profetas retratam Deus como aquele que vê, pune e renova. Em Naum e Abdias, assim como em Miquéias, um futuro é antecipado: os maus serão castigados e removidos e há uma promessa para Sião. YHWH é o Deus que restaura e conduz o povo de volta para a sua terra. Todos os livros apresentam o quadro desastroso de Sião e a sua futura restauração. Um futuro que na descrição de Miquéias requer novamente o pastoreio de Deus. Naum e Abdias apresentam o confronto com as nações inimigas anunciando-lhes o castigo divino, mas é o livro de Miquéias, que provoca uma resposta consciente do povo; é ele que apresenta Israel consciente de seu pecado e rogando a Deus que o conduza novamente. E é este justamente o elo entre os livros.

A salvação do povo passa pela reunião dos filhos dispersos e a reconstrução da comunidade. Implica também, segundo Mq 7,17, na conversão dos pagãos que participarão na peregrinação escatológica em direção a Sião. A vinda dessas nações para Sião significa que elas já não se identificam com os outros deuses e sim com o Deus de Jerusalém. Dessa forma, a celebração que ocorrerá em Sião corresponde ao abandono aos outros deuses. O texto sublinha uma comunidade de fé morando em paz, sancionada e segura por causa de sua correta relação com Deus. YHWH não procura destruir seu povo, mas quer fazê-lo reintegrar-se em seu verdadeiro papel e se tornar obediente.

Assim, a oferta de salvação não é somente para Israel, mas a todas as nações que reconhecem e confiam no poder de Deus. É precisamente nesse horizonte de profundidade teológica que podemos relacionar o texto de Mq 7,8-20 com o livro de Naum e o de Abdias. Transparece em todos os textos analisados um sentido vivo da providência de Deus sobre o mundo, o qual concede a todos isentar-se do juízo, mediante o arrependimento, como ocorreu com Israel. A

conversão prepara a salvação. Não há um fim na relação com Deus, esta pode ser restaurada pelo perdão divino, em resposta ao arrependimento do povo.

A pessoa que coloca a sua confiança em Deus, não duvida da salvação final. Miquéias apresenta Israel consciente de sua culpa, submissa ao castigo, mas ao mesmo tempo, confiante no julgamento de YHWH. Embora o povo tenha experimentado a escuridão, compreendeu que a escuridão não pertence a Deus. Por isso, confiam que YHWH é luz, mesmo na experiência das trevas. Sião está segura de que a sua queda não foi pelas mãos dos inimigos e sabe que as suas tribulações reverterão – YHWH será a sua luz.

A promessa da restauração ressaltada em Mq 7,20, evoca as bênçãos e as promessas feitas a Jacó e Abraão. O texto de Naum indica que o Senhor restaura a glória de Jacó, a glória de Israel (cf. Na 2,3). Também o texto de Abdias – vv. 17.18 – aponta que a casa de Jacó será salva, e mais: Jacó será instrumento de Deus. Todos os textos são vistos como uma seleção de fontes literárias unidas com interesse histórico. Isaac não prometera que Jacó dominaria Esaú? Parece que esta foi a intenção do(s) redator(es): confirmar uma fonte primeira – a historicidade de Jacó. A bênção dada por Isaac a Jacó menciona: “maldito quem te amaldiçoar, bendito quem te abençoar” (cf. Gn 27,29e).

Nesse aspecto, o texto se assemelha também a Mq 2,12s e 4,6 que enfoca o resto de Israel e as bênçãos. Estes textos de Miquéias focalizam o retorno a Sião e empregam também elementos da narrativa patriarcal. Narram as promessas de bênçãos prometidas a Jacó e Abraão. As bênçãos são certas e as promessas serão cumpridas porque é Deus mesmo, o que guarda a aliança, quem restaurará Sião. A memória dos patriarcas, principalmente a sua confiança filial, conservou viva a fé em Israel.

Fica então demonstrado que a composição final dos Doze é intencional e integradora. Contudo, isso não diminui a necessidade de honrar os testemunhos individuais, nem da atenção para o contexto histórico dos livros. Essa intencionalidade literária pode ter influenciado a ordem dos Doze como mostrou Nogalski, mas não representam sinais de uma redação unificada. Pode-se concluir que um redator desejou que o leitor lesse Naum e Abdias à luz de Mq 7,8-20 e com certeza, ele escolheu um modo eficiente de fazê-lo.

Ao longo deste estudo, sublinhamos importantes sinais hermenêuticos, que devem ser estudados e avaliados na proporcionalidade e significância. A

justaposição dos textos não é uma matéria de uma habilidosa combinação de temas afins ou “catchwords”, ou de um ordenamento de hiatos históricos. O coração da leitura canônica, a saber, as palavras de Deus a Israel continuam ainda a exercer nos leitores de novas gerações a mesma força profética daquele tempo específico, e é esse o movimento que exerce a palavra através do tempo.

Constatamos que é possível e mesmo provável que a presença de uma linguagem distintiva também sirva de propósito para caracterizar e individualizar o profeta para quem o livro é atribuído. Verificam-se as várias ligações entre os livros e, ao mesmo tempo, constata-se que os mesmos podem ser lidos e escutados um sem o outro. As relações podem ser explicadas primeiro no seu próprio contexto, depois, no contexto maior que interpreta a relação entre eles.

A análise intertextual possibilitou evidenciar a complementaridade entre os livros, não só do ponto de vista literário, mas também histórico, sugerindo haver uma conexão teológica entre eles: Miquéias anuncia a expectativa de que em um tempo futuro todos afluirão para YHWH. Esse encontro não é esperado para breve, mas encontra ressaltado nos textos para “dias futuros”. “Dias esses” que o Senhor conduzirá o “seu rebanho” para um lugar seguro, e todas as nações serão reunidas por Ele. Daí ser Mq 7,14 o eixo de toda a análise. Deus é Aquele que perdoa a iniquidade, passa por cima das transgressões, e que agora, pastoreia sobre o resto do seu rebanho, isto é, aqueles que andam corretamente com Ele.

Confirma-se a hipótese de que as profecias de Miquéias representam no conjunto dos Doze uma temática proeminente. Esses livros proféticos nos ensinam a ver a presença ativa de Deus na história dos povos, a esperar confiante no futuro porque este é o único modo para compreender e viver em profundidade o presente.

Parece que os seguidores dos profetas, ao complementar as mensagens proféticas, querem assegurar a fidelidade na sua transmissão, sem desviar da mensagem do profeta. Oferecem uma nova visão à luz da situação, em que vivem, confiantes de que estão agindo no espírito de seu antecessor. Assim, o uso da predição de Naum e Abdias a respeito dos escritos do livro de Miquéias sobre o castigo das nações inimigas oferece um exemplo específico dessa prática.

Resultado e contribuição da pesquisa

O texto de Mq 7,8-20 apresenta-se como um excelente exemplo de uma interpretação interbíbica. A contribuição deste estudo é a possibilidade de uma leitura diferente e importante para a hermenêutica bíblica.

A mensagem de Miquéias não se ouve nem se recebe sem que ocorra alguma transformação.